

OLODUM

O percussionista Joselito Alves Barbosa, 19 anos, da banda principal do Grupo Olodum, foi assassinado no início da madrugada de ontem por um policial no Centro Histórico de Salvador. Ele participava de um ensaio do bloco no Largo do Pelourinho e foi baleado nas costas depois de uma discussão. O comando da Polícia Militar da Bahia acaba de divulgar o nome do soldado que matou o músico do Olodum: Joselito Alves Barbosa. Trata-se do soldado Joel Rodrigues de Souza, do 16º

Batalhão da PM. Souza não estava a serviço. Era seu dia de folga e ele foi brincar no ensaio do Olodum. De acordo com a assessoria de Comunicação da PM, Souza teria reagido a um "arrastão" promovido por um grupo de quatro pessoas. Ele sacou seu revólver e atirou para intimidar os supostos assaltantes. Até o momento a Polícia Militar não esclareceu se Joselito estava no grupo de assaltantes. O soldado seria apresentado à 1ª Delegacia de Polícia de Salvador na tarde de ontem.

MÚSICA

O selo Europa Music, ligado ao Europa Vídeo, entra no mercado com 50 CDs. Os discos fazem parte da série "Spotlight On" e abrangem vários gêneros de música. Há CDs com material de apenas um artista e coletâneas com diversos nomes do mesmo gênero. Frank Sinatra (foto), Bee Gees, Enrico Caruso, Maria Callas e George Benson, entre outros, são alguns dos astros com disco próprio. São oito as coletâneas com nomes variados. A mais atraente é "Soul - Various", com clássicos de soul e rhythm'n'blues. Mas nem só de "mainstream" vive a "Spotlight On". É uma



das poucas oportunidades de se conseguir CDs das bandas Steely Dan e Spencer Davies Group, incluídas na série e com pouca coisa em laser no País.

CORREIO DO ESTADO

Caderno B

06 PÁGINAS

TERÇA-FEIRA, 25 DE OUTUBRO DE 1994

Mostra de Dança de MS agrada ex-bailarina

Na avaliação de Suzana Braga, o moderno e contemporâneo têm boa base, mas o clássico deixa a desejar

Surpresa com a performance dos grupos de dança do Estado e propondo uma reavaliação no que diz respeito às premiações instituídas nos festivais, a crítica, jornalista e ex-bailarina Suzana Braga, que veio a Campo Grande participar do X Festival Sul Mato-Grossense de Dança, encerrado anteontem, faz um balanço do evento e dos reflexos negativos da falta de uma infra-estrutura mais sólida relacionada à cultura no País.

Há mais de 20 anos nesse ramo, Suzana veio a Campo Grande pela primeira vez para esse festival, que reuniu 25 grupos, 467 bailarinos e ainda coreógrafos, dos dias 20 a 23 últimos, no Teatro Glaucete Rocha. Os grupos revelaram, segundo a crítica gaúcha, uma boa dinâmica nas coreografias utilizadas em relação às danças modernas, normalmente fracas nesse tipo de evento. Já a atuação do balé clássico foi muito fraca, no entender de Suzana. As acadêmias de dança contemporânea mostraram um trabalho de base consistente, desenvolvendo uma linguagem moderna.

A performance do grupo Ginga foi bastante elogiada por Suzana, traduzindo um bom desempenho estrutural. "Esse grupo pode pisar em qualquer palco do País", ressaltou. Louvando a iniciativa desses encontros à medida que dá ao artista a chance de mostrar seu trabalho, a ex-bailarina aproveitou para levantar outra questão. "Não aprovo esse tipo de premiação insti-

tuída nos festivais. As estatuetas só valem para coleção e nada mais. A minha sugestão é a de que dêem bolsas de estudo para os vencedores, com patrocínio de empresas privadas. Este seria, de fato, um bom incentivo", frisa.

Um grupo destes adotado por uma empresa, por um período determinado, propiciaria uma estrutura maior, com a captação de recursos, além de melhorar qualidade da dança, viabilizando a investida em turnês pelo País. Os convênios com companhias aéreas e hotelarias também iriam auxiliar o artista, atualmente sem perspectiva de progresso em sua carreira por falta de verba, sustenta Suzana. O bailarino não pode subir ao palco somente dez vezes por ano, e, sim, umas 100 vezes. Criticando a política adotada para a área cultural, que é um problema de base, em sua opinião, Suzana defende uma cultura maciçada, com início já na escola primária. "Falta leitura, um ensino mais apurado a respeito das bibliografias. Há carência de uma bagagem cultural maior que beneficie a classe", salienta.

Longas

As noites são muito longas nos festivais, observa Suzana. Nesse sentido ela propõe um enxugamento do programa, na tentativa de simplificar o regulamento. É necessária uma pré-seleção rígida, rigorosa por uma equipe de especialistas, visando encurtar essas noites pela metade, reforça. O clássico, de repertório, de um lado, e as demais



Suzana elogiou a performance do Grupo Ginga: "Digno de pisar em qualquer palco do País"

categorias, incluídas como dança contemporânea, que englobaria a moderna, de outro. "Solo de repertório enquadrado numa modalidade, e o solo livre em outra. Partindo dessa estrutura, eventos desse tipo seriam mais simplificados", garante. A parte júnior, até 14 anos e a senior dos 16 em diante.

Assim como o X Festival apresentou um balé moderno de bom nível coreográfico, o

clássico deixou muito a desejar, na concepção da crítica de dança. "O balé clássico achei fraco", pontificou. Tendo já participado de inúmeros festivais aqui no Brasil e no exterior, Suzana fala do salto de qualidade do Festival de Joinville (SC). Há doze anos realizando este tipo de evento, a cidade catarinense abriu as portas para o Uruguai e Paraguai. A ex-bailarina esteve também em Moscou, Tô-

quio, Osaka e na França. "O de Moscou, geralmente se passa dez dias consecutivos dentro de um teatro, tantos são os grupos participantes". Em Varna, um bailarino brasileiro ganhou a medalha de bronze. Foi um solista do Teatro Municipal, Enéas Brandão. Depois deste festival, o bailarino foi contratado como solista no Sadlers Weel Royal Ballet, em Birnighan, na Inglaterra, grande compa-

nhia européia. Na parte júnior a medalha de bronze ficou com a bailarina Fernanda Diniz, 15 anos, que recebeu uma bolsa para dançar em Paris, acrescenta.

O X Festival Sul Mato-grossense de Dança tem como realizadores a Associação Sul-Matogrossense de Dança, a Secretaria Municipal da Cultura e do Esporte e da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Suzana é autora de dois livros sobre grandes bailarinas

Se Suzana Braga fosse se definir, não saberia. Tanto faz cinema, artes plásticas, dança. Aconteceu ser a dança porque foi bailarina e sua identidade com as sapatilhas é total. Há 20 anos escreve sobre esse tema, no qual tem a mais completa familiaridade. Como jornalista e crítica, escreveu para o "Jornal do Brasil", (RJ), e o "Última Hora", de Samuel Wainer. Foi coordenadora do Sistema Globo de Rádio além de ter sido a primeira jornalista a escrever sobre "Corpo Santo".

Ainda como bailarina, teve uma curta carreira, com sucessivos acidentes. "Até foi bom porque não passei pela fase mais complicada: a decisão de quando parar." Trabalhando hoje em sua empresa, Suzana gerencia e faz projetos (avaliação de eventos). Ela é um núcleo de especialistas em artes plásticas, dança e outras áreas. Na medida em que a imprensa fechou as portas à cultura, "tivemos que abrir outras". Chama-se SB Produções e Assessoria de Arte e Cultura, e, segundo Suzana, vende material até para os grandes jornais.

Autora

A convite da primeira bailarina do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, Ana Bota-

fogo, Suzana deu início, há 10 anos, a um novo projeto: escrever um livro sobre a vida profissional da bailarina. "Foi uma tarefa complicada, na medida em que não poderia ser biográfico", relata. O lançamento aconteceu em dezembro do ano passado, pela editora Nova Fronteira.

A espinha dorsal da obra reuniu as dez grandes produções de balé estreladas por Ana. A análise de Suzana foi às raízes de cada uma delas, abrangendo o contexto sócio-político da época em que foi idealizada. Sem pretensão de ser uma enciclo-

pédia, "Ana Botafogo na Magia do Palco" alinhava uma expressiva pesquisa sobre esses balés. "Como chegaram ao Brasil, que momento representavam na nossa cultura até que a Ana estrelasse". Entrelaçando no texto, depoimentos da bailarina, o livro abrangiu também o 12º espetáculo em que Ana Botafogo dançou. O único produzido no Brasil. "Floresta Amazônica". Ao todo foram dez entrevistas e quatro fi-



Em dezembro ela lançou um livro sobre a bailarina Ana Botafogo; (foto) agora, prepara a história de uma grande personagem internacional, a bailarina russa Tatiana Leskova

tas e cinco meses de intensa pesquisa. "Cheguei à origem de cada produção e tentei

definir o por que de sua existência". Segundo Suzana, o que determina a obra de arte é o tempo. É importante, de acordo com a escritora, as mudanças de época, a polêmica que provocou a peça quando estreada, e a oportunidade que levou aos artistas.

Leskova

Com um segundo livro já em andamento, quase no final, Suzana lançou-se na história de uma grande personagem internacional. Essa ex-bailarina de 71 anos chama-se Tatiana Leskova, neta de um grande escritor russo. "É o maior ponto de referência da dança", enfatiza Suzana. Remontando Leonid Macini, último coreógrafo dos Ballets de Diaghilev, o grande mecenas do século, em vários países europeus, inclusive no Ópera de Paris, Tatiana foi premiada com o "Laurence Olivier", uma espécie de "Oscar", em Londres, pela remontagem do Ballet de Macini, "Choreartium". O livro será lançado pela Nova Fronteira.

Fez parte do júri do X Festival de Dança realizado em Campo Grande, Toshie Kobayashie (SP), Beth Oliosi (RJ), Penha de Souza (SP), Regina Sauer (RJ), Marina Muniz (SP).



Suzana Braga também é crítica e jornalista